

# | Audiofilia crónica |

## IMPACTE AMBIENTAL.

A pior coisa que pode acontecer a um sistema de som é poluir o ambiente doméstico: visual e acusticamente. Se um mau sistema estéreo convencional incomoda muita gente, incluindo os vizinhos, um sistema AV incomoda cinco vezes mais



A Arte de trabalhar a madeira

**UMA COLUNA DE SOM MUDA**, isto é, quando não está a tocar, é um peso morto. E ninguém quer ter um cadáver em casa muito menos dois. Para que o impacto ambiental seja reduzido ao mínimo, de tal forma que até a Quercus aceitaria a solução proposta (o problema é, normalmente, a dona da casa, cujo fundamentalismo ambientalista vê com maus olhos aqueles monos estereofónicos, passe a contradição, para ali plantados no meio da sala), é importante o “enquadramento” do objecto estranho no meio ambiente. Há quem lhe chame equilíbrio estético.

Por outras palavras: como a maior parte do tempo as colunas de som não passam de mais um móvel, convém que

**As colunas querem-se de madeira, como os caixões, que só são de chumbo quando a coisa começa a cheirar mal...**

fiquem bem com os outros que já lá estão. Talvez assim convença a sua amantíssima esposa a aceitar o primeiro parzinho de colunas na sala.

A partir daqui, o caminho está aberto para o sistema AV dos seus sonhos. É um pouco como os filhos: o que custa mais é o primeiro casal de gémeos. Os outros vêm por acréscimo. Ela nem vai dar por isso...

Se ainda não chegou a uma solução de compromisso sobre o primeiro par de colunas que colocou na sala, nunca se arrisque a aumentar a prole unilateralmente. Repare que um sistema AV precisa de um par à frente, um par atrás, mais uma coluna em cima do televisor (heresia das heresias), a que se chama de central (que não pode ser uma qualquer ou só agrava a situação: tem de ser blindada ou as cores no ecrã ficam todas esborratadas); e, ainda, um mais que polémico “subwoofer”: o mais das vezes é um caixote preto e cúbico, um autêntico mamarracho. Deste nem a sogra gosta. Do central ainda vá que não vá, porque ajuda-a a compreender o que se passa no ecrã, ao reforçar certas frequências fundamentais que vão ficando menos audíveis com o passar dos anos. Agora, de um caixote horrível que parece que não está ali a fazer nada, a não ser quando põe a casa toda a tremer (o que dirão os vizinhos!...). A miudagem gosta, claro. Tudo o que seja filme de acção ganha logo outro impacto ambiental: aquilo é porrada de criar bicho.

Mas, dizia eu, como “enquadrar” estes móveis sonoros sem poluir o ambiente visual?

Muitos fabricantes, quase todos nórdicos, ou as cópias asiáticas dos ditos, que ainda são piores, apresentam propostas mais ou menos fantasistas: colunas de som que não se parecem com colunas, muito menos soam como tal, em que o brilho do metal, normalmente o alumínio, ofusca os olhos e a mente.

Eu acho que depois do primeiro impacto, em que a filosofia minimalista vai ganhar pontos, em especial junto da cara metade, as pessoas caem em si e concluem que de alumínio são os tachos, cuja percussão serve mais para protestar que para animar. Uma orquestra de tachos (e não estou a falar de uma orquestra paga pelo Orçamento de Estado) soa inevitavelmente cacofónica. Porque iria soar diferente um sistema AV com colunas feitas do mesmo material? As colunas querem-se de madeira, como os caixões, que só são de chumbo quando a coisa começa a cheirar mal... •

*Nota: em homenagem ao meu avô, que era carpinteiro.*

Texto de José Victor Henriques  
jvhsm@netcabo.pt